

Didática zero

Ao transferir a segurança de algumas escolas ao Departamento de Polícia, a prefeitura de Nova York esperava resolver o problema da violência escolar. Mas, além da diminuição mínima de criminalidade, o que vemos é o surgimento de um sistema disciplinar no qual os vigias se tornaram a principal autoridade

POR CHASE MADAR



A rede de escolas de Nova York é a mais importante dos Estados Unidos, com cerca de 1,1 milhão de alunos, a maioria proveniente de classes populares. Em 1998, ao deparar com problemas de violência escolar, o republicano Rudolph Giuliani, então prefeito da cidade, transferiu a segurança das escolas classificadas como "difíceis" ao Departamento de Polícia de Nova York (NYPD). Os 4,5 mil agentes de segurança escolar provinham do corpo de policiais e se reportavam diretamente ao NYPD, em vez de acionar professores ou diretores dos colégios.

O poder público novaiorquino clama com frequência que esses métodos autoritários e o uso de tecnologias de vigilância permitiram obter uma baixa drástica nos índices de criminalidade nos locais considerados mais perigosos. Contudo, são raros os profissionais que acreditam nessas estatísticas profundamente "envernizadas" para se enquadrarem nos objetivos previamente fixados. Dessa forma, o relatório de inspeção geral da cidade, de 2007, coloca em evidência uma importante subavaliação dos incidentes violentos em toda a rede escolar.¹ As conclusões do documento, contestadas pela polícia e pelo Departamento de Educação, foram aprovadas pelos sindicatos de docentes e de chefes de estabelecimentos, e até mesmo pela *Teamsters Local 237*, poderoso braço sindical que inclui os agentes de segurança escolar.

Se, de um lado, o efeito dessas medidas sobre a diminuição da delinquência se mantém sutil, por outro, elas permitiram o surgimento de um sistema disciplinar diferente. Ao usurpar as prerrogativas do corpo escolar e até mesmo aquelas dos diretores e coordenadores, esses vigias pouco qualificados tornaram-se, em matéria de disciplina, a mais importante autoridade no meio escolar, gerando formas inéditas de desordem e violência. Em novembro de 2006, um vigia algemou duas crianças de quatro anos que haviam se recusado a fazer a sesta²; em janeiro de 2008, uma criança de cinco anos foi submetida ao mesmo procedimento, por má conduta, e depois enviada à força a um hospital psiquiátrico para ser "avaliada"³. Forçado a se manifestar, o senador Eric Adams admitiu na ocasião que "sem dúvida, as algemas metálicas não são apropriadas para uma criança de cinco anos". Como alternativa, ele defendia "a utilização de algemas de velcro".

As estatísticas da polícia de Nova York, obtidas em virtude da lei que assegura a liberdade de informação, atestam que, entre 2005 e 2007, 309 estudantes foram interpelados e condenados por violação da proibição de entrada ou degradação.⁴ Dito de outra forma, certos componentes característicos da adolescência, antes resolvidos com punição escolar ou visita à sala do diretor, tornaram-se passíveis de processos penais.

Os estudantes não são os únicos a sofrer as consequências do recente poder de tais agentes de segurança. Os docentes e funcionários que tentam se opor às sanções, que consideram severas ou arbitrárias, muitas vezes também são ameaçados de detenção e, em alguns casos, de coisas até piores. Em geral, as detenções intempestivas de autoridades escolares que tentam proteger seus alunos contra as forças da ordem ganham manchetes em jornais. Com medo de serem afastados ou transferidos de seus cargos, docentes, funcionários, coordenadores e diretores hesitam em protestar publicamente contra medidas como essa. De acordo com Ernest Logan, representante do sindicato de chefes de estabelecimentos de educação de Nova York, as detenções de professores são apenas "a ponta do iceberg". Tais incidentes suscitam a questão da definição do delito no meio escolar. Certamente a introdução de armas de fogo ou facas no ambiente escolar merece punição severa, até mesmo penal, mas "devemos aplicar as mesmas regras tanto a um adulto na rua quanto a uma criança de 12 anos no pátio de uma escola? Acho que não", afirma Logan. Jeffrey Sprague, sociólogo e especialista em disciplina escolar da Universidade de Oregon, resume os efeitos dessa forma de segurança: "Quando a polícia entra na escola, as taxas de criminalidade triplicam".

FALSA SEGURANÇA

O mais comum é que as tensões se cristalizem em torno dos pórticos de segurança nas entradas dos estabelecimentos. Já emblemáticos da identidade americana, esses dispositivos são encontrados, sobretudo, em bairros populares das zonas urbanas, enquanto apenas alguns poucos podem ser vistos nas periferias ricas. O Departamento de Educação justifica essa disparidade argumentando o caráter opcional da medida. Os chefes de estabelecimentos de ensino que não desejam investir em tais dispositivos

afirmam, por outro lado, que são submetidos a fortes pressões na hierarquia, mesmo quando a escola não apresenta qualquer problema.

"Os detectores de metal dão um falso sentimento de segurança", analisa Felice Lepore, diretor de uma escola voltada para os esportes no Bronx. "Se alguém quiser introduzir um objeto no prédio, vai encontrar um meio de fazê-lo. E que mensagem estaremos passando às nossas crianças ao pedir que se submetam a tal controle para ir à escola? Essa medida em si mesma já instaura um clima de tensão."⁵ Além disso, a ineficácia desses detectores de metal foi tragicamente demonstrada em março de 2008, quando um aluno do liceu Paul Robeson de Crown Heights, no Brooklyn, foi apunhalado no interior da escola, apesar dos controles.

Outras estratégias de redução da violência escolar existem e estão provadas. O relatório "Segurança com dignidade", publicado em julho de 2009 por um grupo de associações independentes, apoia-se em dados oficiais recolhidos pela Academia de Nova York.⁶ O documento demonstra que seis escolas de bairros populares da cidade onde foram implementadas medidas disciplinares alternativas registraram uma taxa de pequenas desordens e delitos significativamente inferior à de outros estabelecimentos - alguns inclusive situados no mesmo perímetro e sob a mesma responsabilidade das forças policiais. "Se o objetivo é que os alunos não atuem como delinquentes, não se deve tratá-los como delinquentes", afirma Tabari Bomani, docente da escola pública Bushwick Community High School, no Brooklyn.

Nessas escolas, que começam a ganhar status de modelo, a disciplina continuou a cargo da equipe de ensino, do diretor e dos vigilantes escolares, enquanto a

função dos agentes de segurança se limita a vigiar a porta dos estabelecimentos. Os alunos, embora com módica contribuição, participam da formulação das regras internas, e os incidentes disciplinares, resolvidos no âmbito da escola, não podem de maneira alguma se desdobrar em interações ou processos judiciais. Ao mesmo tempo, fomenta-se a autodisciplina e pratica-se cotidianamente a ética do respeito mútuo, conscientemente ritualizado em cada reunião ou assembleia. Os resultados acadêmicos nesses estabelecimentos são melhores, e os índices de evasão, mais baixos.

Porém, a luta da comunidade escolar para retomar o controle da disciplina em seus estabelecimentos ainda deve durar uns bons anos. Até mesmo a tímida proposta de colocar os 4,5 mil agentes de segurança escolar sob a supervisão de uma instância de regulação formada por cidadãos e policiais tornou-se letra morta. A lição é clara: ao deixar um policial entrar na escola, será difícil fazê-lo sair.®

*Chase Madar é advogado de direitos civis e co-autor do relatório "Segurança com dignidade: alternativas para o sobrepolicamento em escolas", Nova York, julho de 2009.

1 Richard Steier, "Backs Thompson's Finding: Union: Schools Hide Extent of Violence", *TheChieflader.com*, 29 de setembro de 2007.

2 Public enemy nº1, *New York Post*, 10 de março de 2008.

3 "Cuffed kid troubles Schools Chancellor", *New York Daily News*, 26 de janeiro de 2008.

4 "300 Student Busts were illegal, NYCLU tells Police Commissioner Ray Kelly", *New York Daily News*, 8 de outubro de 2008.

5 "Coach helps save stabbed student", *New York Daily News*, 29 de março de 2008.

6 Annenberg Institute for School Reform, "Safety With Dignity: Alternatives to Over-Policing in Schools", Nova York, julho de 2009.